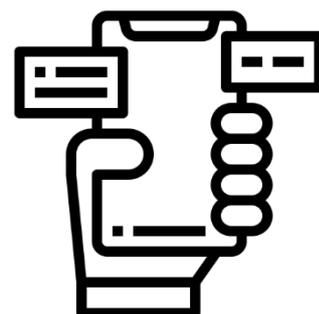




Universidade de Brasília

Departamento de Sociologia



Relatório de Pesquisa nº 3

Projeto: O mundo do trabalho na Era Digital: plataformas digitais

Coordenador: Ricardo Festi

Trabalho digital numa perspectiva comparada: norte e sul global

*Análise de dados de pesquisa da OIT com trabalhadores *crowdwork**

Vinícius Torres Araújo Dourado

viuaraujo@gmail.com

Brasília, D.F.
Abril de 2021



RELATÓRIO DE PESQUISA No. 3

Projeto: O mundo do trabalho na Era Digital: plataformas digitais

Coordenador:

Prof. Dr. Ricardo Festi

Pesquisadores:

Aline Gil Pereira Soares

Bruna Vasconcelos de Carvalho

Diego Rodrigues de Loiola

Kethury Magalhães dos Santos

Nicolas Eyck van Dyck

Pedro Burity Borges

Raphael Santos Lapa

Sara Nogueira de Araújo

Thayuany de Jesus Rodrigues

Vinícius Torres Araújo Dourado

Site: <https://www.trabalhoemplataforma.org>

CAAE:32900720.1.0000.5540

COMO CITAR ESTE RELATÓRIO

DOURADO, Vinícius Torres Araújo. **Trabalho digital numa perspectiva comparada: norte e sul global: Análise de dados de pesquisa da OIT com trabalhadores *crowdwork*** Projeto: O mundo do trabalho na Era Digital: plataformas digitais. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 2021. 20 p.



Sumário

Apresentação	4
1. Contextualização	5
2. Análise da pesquisa com trabalhadores microtarefas	5
2.1 A cobertura geográfica dos trabalhadores	5
2.2 Questão demográfica	7
2.2.1 Educação	7
2.2.2 Gênero e Faixa etária	7
2.3 Jornada e remuneração	12
2.3.1 Fonte de renda	12
2.3.2 Jornada excessiva	13
3. Considerações Finais	16
Anexo I	17
Referências	20



Apresentação

O trabalho digital é objeto de crescente interesse e análise. Atualmente, várias pesquisas têm se voltado à compreensão dos novos desafios que são colocados pelas mudanças no mundo do trabalho. Conforme desenvolvido por Trotsky na sua teoria do desenvolvimento desigual e combinado, o processo de desenvolvimento capitalista, na sua ótica global, é construído a partir da articulação entre economias avançadas e atrasadas – numa amálgama de contradições sociais e econômicas que determinam o posicionamento de cada economia dentro desse sistema (Löwy, 1995). O objetivo desse relatório é entender como as transformações provocadas pela plataforma e uberização afetam de forma desigual a classe trabalhadora dos países centrais e periféricos. Busca-se compreender essas desigualdades a partir da análise exploratória de uma pesquisa realizada em 2017 pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) com trabalhadores que realizam microtarefas mediadas por aplicativo – “que são tarefas de ‘tratamento da informação’ vão desde a identificação de imagens à moderação de conteúdos e à transcrição de voz” (Berg, 2018). Procura-se, ao final, estabelecer um diálogo entre as discussões que têm permeado a sociologia crítica do trabalho e os resultados obtidos na análise quantitativa.

O estudo da situação desses trabalhadores enfrenta algumas dificuldades dada a própria distribuição geográfica deles. Isso acontece tanto em contexto global quanto local. A OIT exerce um papel de grande importância no entendimento de como se dão as relações de trabalho nos diversos países ao redor do mundo, realizando diversas pesquisas e estudos sobre o futuro do trabalho e sobre as novas transformações que impactam os trabalhadores (Berg et al, 2018; Berg, 2016; Stefan, 2016). Nesse sentido, em 2015 e 2017, a OIT aplicou questionários e fez entrevistas com trabalhadores que realizam microtarefas, sendo que, no primeiro momento, concentrou-se em apenas duas empresas situadas na Índia e nos EUA, e no segundo, nas 6 maiores empresas do segmento. O documento produzido a partir dessas pesquisas é importante como ponto de partida para traçar o perfil daqueles vinculados a esse tipo de atividade (Berg, 2018). Ele apresenta um panorama geográfico, da demografia básica desses trabalhadores, da jornada de trabalho, da remuneração, qualificação, as razões pelas quais eles estão nesse trabalho, dentre alguns outros aspectos de grande importância.

Este relatório procura superar uma tendência de homogeneização das condições de trabalho em nível mundial, presente no documento da OIT. Embora eles tenham buscado pontuar que existem diferenças entre os diversos trabalhadores dispersos geograficamente, seja a partir de alguns dados quantitativos quanto pelos dados qualitativos dos questionários aplicados, isso é apresentado de uma forma panorâmica considerando a importância desse tipo de análise. Por esse motivo, acredito ser preciso entender quais são as semelhanças e diferenças entre as condições de trabalho em *crowdwork* a nível mundial. Para isso, utilizo os dados brutos que me foram cedidos pela OIT, a partir do qual eles embasaram seu relatório, e o qual eu utilizei para a análise apresentada a seguir. Agradeço à Janine Berg, economista sênior da OIT, que gentilmente possibilitou o acesso aos dados das pesquisas realizadas em 2015 e 2017 e que possibilitaram a análise presente nesse relatório.



1. Contextualização

As reflexões apresentadas neste relatório são resultado de discussões fomentadas pelo coletivo de pesquisa *O mundo do trabalho na Era Digital: plataformas digitais*. O grupo surgiu no início de 2020, na Universidade de Brasília (UnB), e é composto por estudantes de graduação, pós-graduação e por pesquisadores que buscam entender as transformações ocorridas no âmbito do trabalho, e que neste primeiro momento têm analisado principalmente as atividades dos/as entregadores/as por aplicativo em Brasília, Distrito Federal.

Este trabalho, elaborado pelo pesquisador Vinícius Torres Araújo Dourado, busca entender se as clivagens geográficas, econômicas, de raça, gênero e nível educacional interferem nas condições laborais, remuneração, jornada de trabalho, ofertas de tarefas e outros elementos que afetam a vida dos trabalhadores.

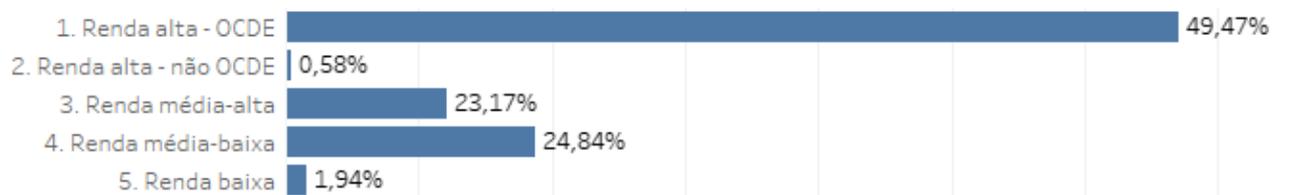
2. Análise da pesquisa com trabalhadores microtarefas

2.1 A cobertura geográfica dos trabalhadores

A pesquisa aplicada pela OIT no ano de 2017 ouviu trabalhadores situados em 53 países. De acordo com o relatório divulgado pela instituição (Berg, 2018), os questionários foram lançados ao longo de vários dias nas plataformas, em diferentes momentos do dia, e foram sendo respondidos gradualmente pelos entrevistados. Essa metodologia e abordagem foram importantes dada a inexistência de uma lista de trabalhadores vinculados a essas plataformas, sendo assim, a delimitação amostral precisaria ser feita por meios alternativos que chegassem até eles. O Gráfico 1 apresenta a distribuição geográfica dos profissionais entrevistados.



Gráfico 2 – Distribuição e participação dos trabalhadores por renda do país



2.2 Questão demográfica

2.2.1 Educação

Gráfico 3 – nível educacional por renda do país

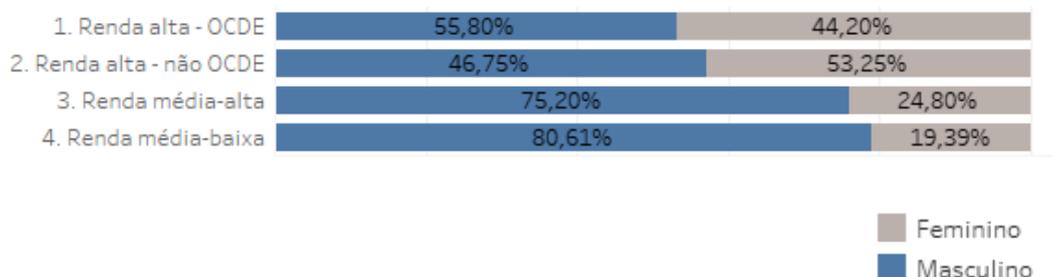
	Inferior nível médio*	Nível médio	Nível técnico	Graduação	Mestrado	Pós superior*
1. Renda alta - OCDE	2,42%	34,68%	13,82%	33,96%	12,25%	2,87%
2. Renda alta - não OCDE		47,62%	19,05%	4,76%	19,05%	9,52%
3. Renda média-alta	2,17%	35,51%	9,78%	33,15%	13,04%	6,34%
4. Renda média-baixa	2,16%	11,27%	5,25%	51,70%	27,47%	2,16%
5. Renda baixa	5,77%	28,85%	5,77%	38,46%	19,23%	1,92%

O gráfico 3 é interessante de ser observado para compreender o perfil educacional dos trabalhadores dessas plataformas. Nos países ricos pertencentes à OCDE, cerca de 68% dos profissionais têm ou o ensino médio ou o superior, distribuídos de forma praticamente proporcional entre essas duas formações. Nos países ricos fora da OCDE, menos de 5% tem graduação, e aproximadamente 19% têm mestrado - é possível perceber uma variação muito grande entre os países ricos de fora da OCDE, esse é um elemento que não encontra explicação nos outros dados da pesquisa e que pode se configurar com uma baixa significância amostral desse conjunto de países. Os países de renda média alta, dentre os quais está o Brasil, têm situação muito próxima dos países ricos da OCDE nesse quesito. A situação é bem diferente quando se compara os países de renda média baixa, o qual se tem 51,70% com graduação, e 27,47% (o mais alto entre todos) com nível de mestrado; somados eles representam quase 80% dos trabalhadores desses países que atuam em plataforma de *crowdwork*. Isso já havia sido apresentado por Ursula Huws, que observa que “não é incomum, portanto, encontrar tipos de trabalho que nos Estados Unidos são realizados por aqueles que abandonaram a escola, ou que se formaram nos *junior colleges*, sendo realizados por graduados ou pós-graduados em países em desenvolvimento” (Huws, 2017).

2.2.2 Gênero e Faixa etária



Gráfico 4 – Distribuição por sexo



O gráfico 4 apresenta a distribuição de trabalhadores por sexo. É interessante notar que quanto mais rico o país, maior a participação das mulheres no contingente de trabalhadores. Como observa Ricardo Antunes:

Há uma outra tendência de enorme significado no mundo do trabalho contemporâneo: trata-se do aumento significativo do trabalho feminino, que atinge mais de 40% da força de trabalho em diversos países avançados, e que tem sido absorvido pelo capital, preferencialmente no universo do trabalho *part-time*, precarizado e desregulamentado. (Antunes, 2004, p. XX).

Aqui percebe-se também um processo de feminização do trabalho, e esse conceito pode ser entendido de duas formas, isto é, pela óptica do aumento da participação feminina no mercado de trabalho e pela proliferação e generalização de formas precárias de trabalho antes associadas às mulheres (Zahn, 2019). Ludmila Abílio por sua vez vai além na análise e diz que:

Compreendendo-se a uberização como um novo tipo de informalização, é discutido como esta envolve uma generalização de características tipicamente femininas e periféricas do trabalho, conferindo uma nova visibilidade a elementos que estruturam o viver de trabalhadores e trabalhadoras da periferia. (Abílio, 2020).

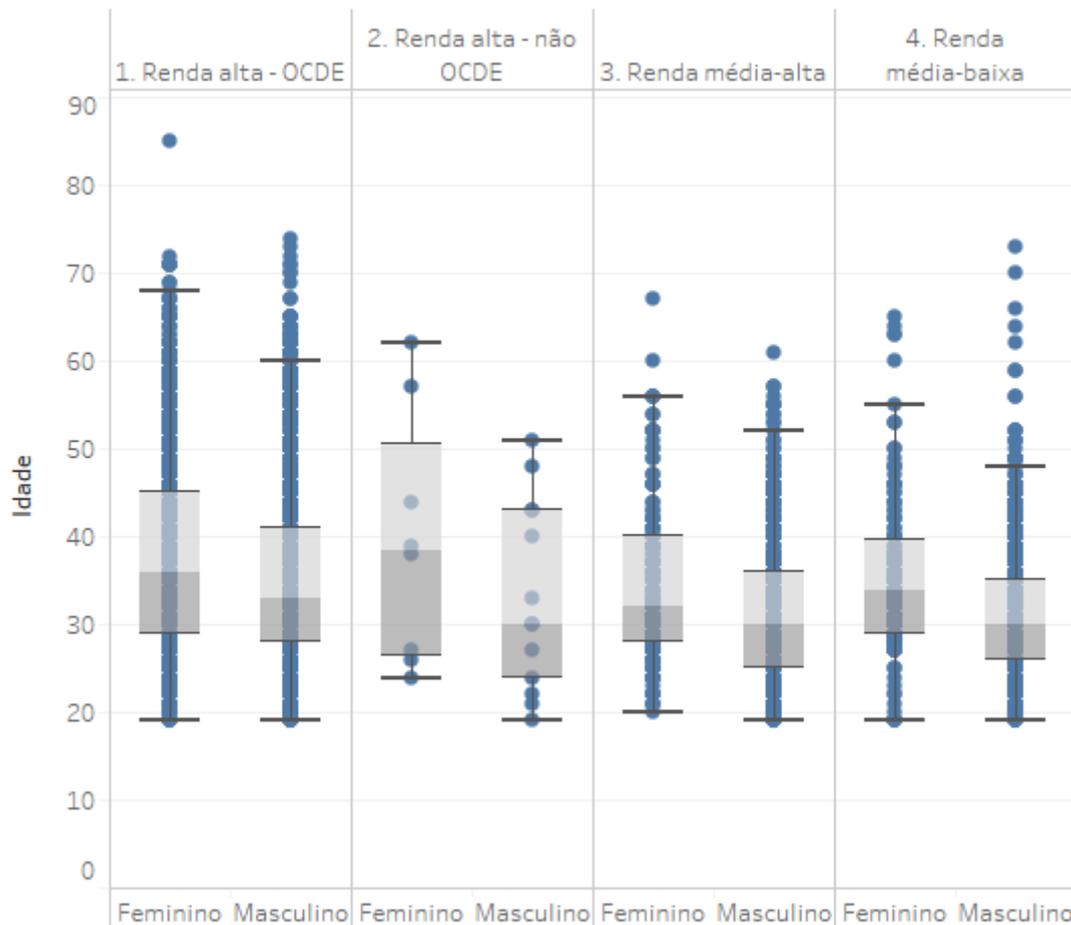
Embora a literatura especializada fale de uma feminização do trabalho, os resultados encontrados nessa pesquisa indicam uma grande diferença da participação das mulheres de acordo com a renda dos países, ao menos no âmbito do trabalho digital relacionado a microtarefas. A explicação para isso não é tão evidente e não se encontra amplamente teorizada na literatura, embora a maior participação das mulheres em países como os EUA possa ser entendida pelo alto custo de serviços relacionados ao cuidado de crianças – o alto custo na contratação desse serviço, leva as mulheres a preferir um trabalho parcial ou que garanta a sua permanência em casa (Berg, 2017). Já para países de menor renda, pode-se inferir que isso ocorra por diversos motivos: uma estrutura patriarcal que impede o acesso das mulheres ao mercado de trabalho (Fuchs, 2017); por existirem trabalhos ainda mais precários, que por distintos fatores são em geral mais ocupados por mulheres; ou pela diferença de acesso a recursos computacionais necessários para o desenvolvimento desse tipo de atividade. Em 2017, por exemplo, a diferença no acesso à internet entre homens e mulheres era de 2,8% nos países desenvolvidos, enquanto nos países em desenvolvimento essa diferença seria de 16,1%, já nos países menos desenvolvidos esse *gap* era de 32,9% (ITU, 2017).



Outro aspecto importante nesta análise concerne ao fato de que as mulheres têm historicamente sido encarregadas da maior parte do trabalho reprodutivo, tais como cuidado com a casa, educação dos filhos, cozinha, compras; e embora a participação feminina no mercado de trabalho tenha aumentado, a mulher continua sendo a principal responsável pelos trabalhos da casa (Fuchs, 2017; Saffioti, 1969).

Para ajudar a compreender melhor esse fenômeno, podemos verificar os motivos que levaram os trabalhadores a aderirem ao *crowdwork*. Foram apresentadas 8 opções e os entrevistados poderiam responder mais de uma. A opção “*não encontra emprego*” apresenta uma taxa de resposta abaixo de 15% na maioria dos grupos de rendas dos países associados aos sexos, exceto para homens em países de renda média alta e renda baixa, com 20% e 21% respectivamente. Outra opção era que a pessoa “*somente pode trabalhar de casa*”. Esse item foi respondido por 21% das mulheres e apenas 9% dos homens em países de renda alta; 36% das mulheres de países de renda média-baixa e 23% de homens no mesmo grupo de renda; 33% das mulheres e 21% dos homens em países de renda baixa; e o único grupo de renda que apresentou percentuais mais próximos, embora com um número maior de mulheres, foi o grupo de renda média alta, com 13% para as mulheres e 10% para os homens. O item “*prefere trabalhar de casa*” apresentou taxas de respondentes maiores para mulheres em todas as faixas, exceto em países de renda média-alta, nos quais o percentual coincidiu entre homens e mulheres. O item “*paga melhor que outras ocupações disponíveis*” apresentou taxas inferiores a 8% nos países de renda alta (OCDE ou não-OCDE) e de renda baixa, mas sempre com as mulheres respondendo a uma taxa inferior a dos homens; nos países de renda média alta 18% das mulheres e 26% dos homens alegaram que os salários eram melhores no *crowdwork*; nos países de renda média-baixa foi de 24% e 26% para mulheres e homens respectivamente. Ainda existiam as opções “*complementar a renda*”, “*obter alguma renda enquanto estuda*”, como “*forma de lazer*” e “*por gostar da atividade*”, mas que não apresentaram diferenças significativas entre os sexos. O tópico 2.3.2 – jornada de trabalho – retoma a questão do trabalho feminino.

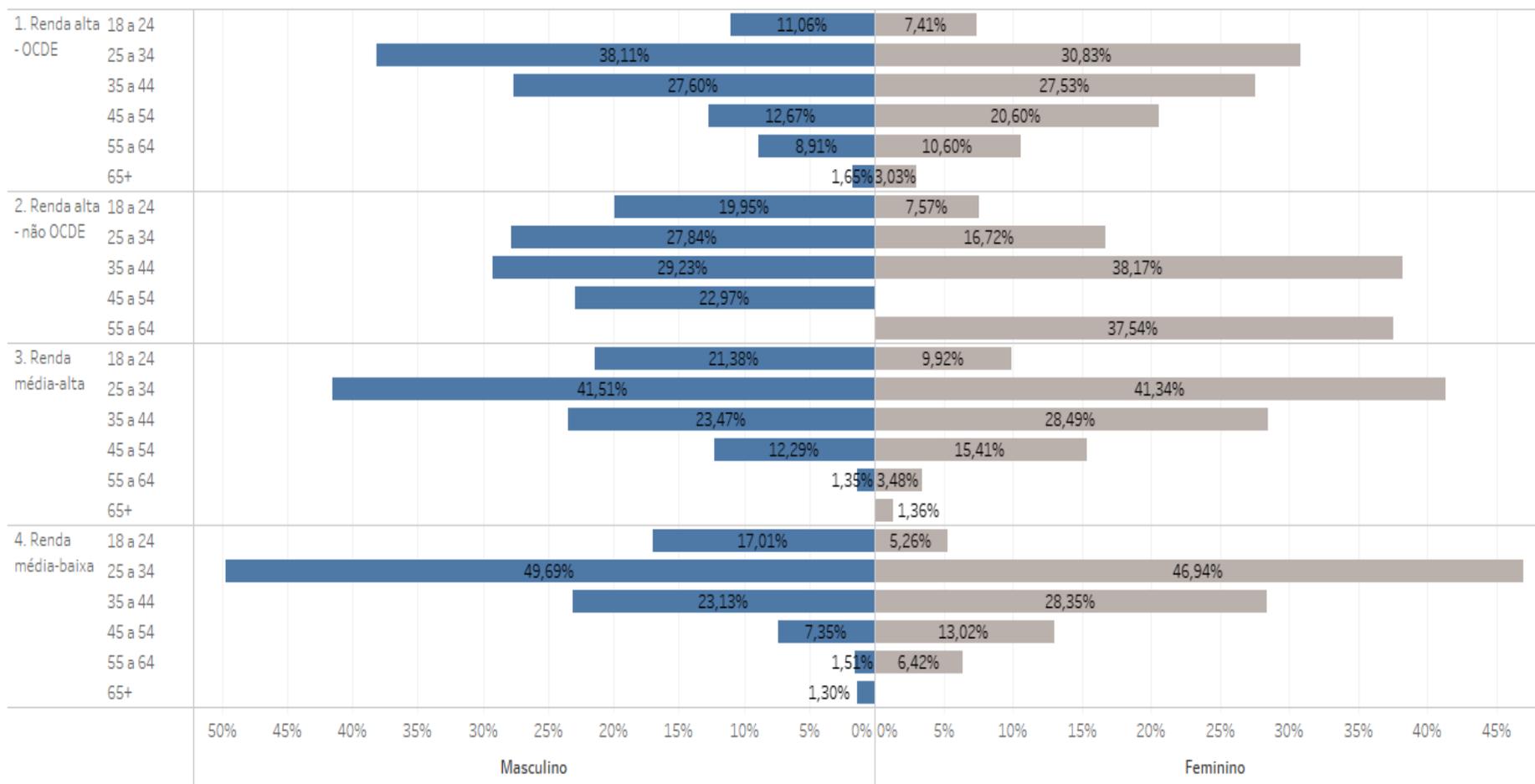
Gráfico 5 - Distribuição por idade e sexo



O gráfico 5 é um gráfico *boxplot* que mostra na linha central do retângulo a mediana da observação; a diferença entre o primeiro quartil (é o número que deixa 25% das observações abaixo e 75% acima) e o terceiro quartil (deixa 75% das observações abaixo e 25% acima) são representadas pelo tamanho do retângulo. As caudas são as linhas pretas que indicam até onde podem ir os *outliers* do conjunto; e os *outliers* são os pontos que ultrapassam a cauda. Ele nos mostra um cenário de um perfil de mulheres mais velhas trabalhando em *crowdwork* comparado com a participação de homens no mesmo perfil de renda do país.

O gráfico 6 complementa essa análise e nos mostra como se dá a distribuição por faixas etárias.

Gráfico 6 – pirâmide de distribuição de trabalhadores de microtarefas por sexo e renda do país





Nas duas faixas etárias de 18 a 24 e de 25 a 34 anos existe uma prevalência de homens. Nos países de renda média alta e de renda média baixa, apresentam uma diferença bem elevada entre homens e mulheres entre 18 e 24 anos, mas uma diferença extremamente baixa quando se verifica a faixa de 25 a 34 anos. Os países de baixa renda tem uma participação muito superior de homens de até 24 anos, mas de 25 a 44 anos, a participação de mulheres é mais acentuada. A proporção de mulheres entre 35 e 44 anos é maior que a de homens em todas as categorias de países.

Isso mostra uma maior absorção de população jovem nesse tipo de trabalho. Essa tendência já tinha sido demonstrada por exemplo por Balaram *et al* (2017) em pesquisa realizada no Reino Unido sobre *gig economy*, no qual observa-se uma visão mais positiva dos jovens em relação às possibilidades de horários mais flexíveis oferecidos pelo *gig work*, mas também percebe-se essa como sendo uma alternativa para falta de oportunidades no mercado de trabalho formal (Balaram et al, 2017).

2.3 Jornada e remuneração

2.3.1 Fonte de renda

Um elemento importante de ser levado em consideração na análise desses dados e para a compreensão do tipo de trabalhador existente e o que este trabalho significa para ele é o entendimento da importância da fonte de renda. O gráfico 7 mostra qual a proporção dos trabalhadores que tem no *crowdwork* a sua principal fonte de renda. Os países de renda baixa e renda alta apresentam um proporção de até 30% dos trabalhadores que têm essa atividade como sua principal fonte de renda. Os países que são considerados de renda média alta e média baixa tem 42,03% e 39,25%, respectivamente.

Gráfico 7 – Renda principal nessa atividade

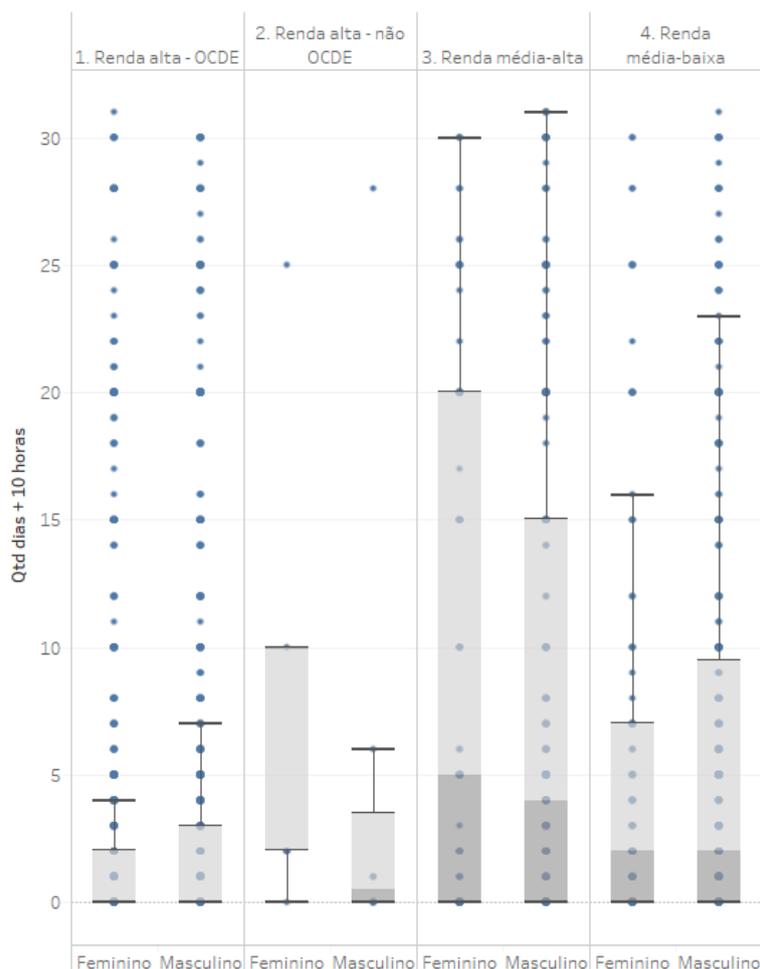


2.3.2 Jornada excessiva

O gráfico 8 apresenta as regiões nas quais os trabalhadores costumam trabalhar mais de 10 horas por dias e quantas vezes desta jornada se repete no mês. Quando comparados aos países do seus grupos de renda, países como México, Venezuela, Brasil, Tunísia, Vietnam e Ucrânia tem uma frequência ainda maior de dias nos quais os trabalhadores costumam trabalhar mais de 10 horas. O gráfico 8 mostra uma situação mais grave para as mulheres, as quais tem uma maior proporção trabalhando em jornadas de trabalhos mais extenuantes por mais dias em um único mês.

Os dados demonstram uma desigualdade importante que é confirmada também pelas pesquisas qualitativas feitas pela OIT com os trabalhadores. Observa-se uma maior distribuição de tarefas melhores remuneradas para os trabalhadores dos países centrais. É possível ver no gráfico 9, a média de horas trabalhadas e efetivamente remuneradas. Os países ricos têm um carga horária semanal inferior ao do grupo de países de renda média ou baixa, mas por outro lado o gráfico de linha mostra o rendimento desses trabalhadores.

Gráfico 8 – Quantidade de dias que trabalha mais que 10h

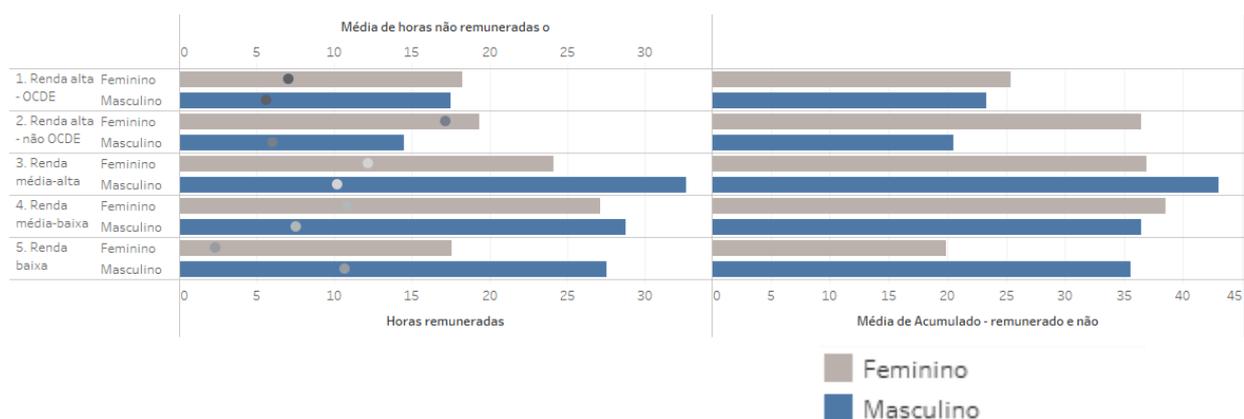


Para concluir sobre remuneração e jornada de trabalho, o gráfico 9 apresenta a quantidade de horas efetivamente remuneradas e a quantidade de horas não remuneradas, as quais envolvem o tempo disponível, aguardando aprovação de projeto, procurando novos trabalhos. Mais uma vez, percebe-se que a quantidade de horas trabalhadas, remuneradas ou não é bem superior nos países periféricos. Quando já observamos que aqueles trabalhos melhores remunerados são alocados para trabalhadores dos países centrais. Do ponto de vista da qualificação é importante também observar que os trabalhadores dos países periféricos não apresentam desvantagens comparativas quanto a formação acadêmica, ainda assim eles sofrem com a baixa demanda por tarefas quando comparados com os trabalhadores de países centrais.

Sobre isso, Dal Rosso, ao analisar relatório da OIT sobre a diferença da jornada de trabalhadores no mundo, alerta:

Restringindo a discussão aos países em desenvolvimento, os autores concluem que “o padrão mais comum de duração do trabalho para os autônomos (...) é a diversificação das jornadas” (p. 123). Ao examinar os componentes de tal diversificação, apontam para as seguintes condições: “grandes proporções de trabalhadores (homens) fazendo jornadas longas [...] e jornadas curtas” (p. 123). E, novamente, os autores apontam para a importância do fator gênero na distribuição dos tempos laborais. “Os autônomos do sexo masculino (...) cumprem jornadas longas” (p. 123), as jornadas muito curtas representando formas de subemprego. (Dal Rosso, 2012).

Gráfico 09 - Trabalho - Média de horas remuneradas e não remuneradas





Conforme observa-se no gráfico 9, nos países centrais, a jornada das mulheres é mais longa que a dos homens. Por outro lado, a jornada das mulheres dos países periféricos é maior que a dos homens dos países centrais, e mais curta que a dos homens periféricos. Apesar disso, a quantidade de horas não remuneradas das mulheres de países com renda mais baixa é superior a dos homens em países do mesmo grupo. Em relação ao argumento de Dal Rosso “Para as mulheres autônomas (...) jornadas curtas constituem a regra”, o que é interpretado pelos autores como parte de uma estratégia de “ganhar algum dinheiro ao mesmo tempo em que cuidam das responsabilidades familiares” (Dal Rosso, 2012, p. 123), percebe-se que a jornada das mulheres nos países centrais ainda segue essa tendência de ser mais curta, enquanto o mesmo não acontece nos países mais pobres. De toda forma, em ambos os casos elas ainda são as principais responsáveis pelas atividades reprodutivas, como pode ser constatado por algumas transcrições de trechos da entrevista em qual algumas mulheres indicam o porquê de somente poder trabalhar de casa:

Mulheres de países de renda média-baixa:

"Eu sou uma dona de casa. Quero ganhar dinheiro enquanto faço coisas que gosto"

"Eu larguei meu trabalho regular quando eu tive meu filho e fiquei em casa, pois odeio a ideia de deixá-lo com uma cuidadora"

"Meu pai não permite que eu trabalhe em qualquer lugar que não seja perto de casa"

Mulheres de países de renda média-alta:

"Eu amo estar com meus filhos, eles têm 10 e 13 anos e eu acho que é essa uma boa oportunidade de trabalhar e estar com eles ao mesmo tempo"

"Minha mãe de 77 anos mora comigo e eu preciso de um horário flexível para ajudá-la com suas necessidades. Além disso, a situação econômica do meu país faz que o trabalho com remuneração em moeda estrangeira seja mais atrativo"

Mulheres de países de renda alta:

"Eduquei meus filhos em casa e isso costumava ser perfeito para mim. Agora eles já estão crescidos e eu prefiro continuar fazendo da mesma forma."

"Eu não quero colocar meus mais novos na creche e quero estar disponível até que meus outros filhos terminem a escola. Trabalhar de casa me dá flexibilidade para trabalhar no meio da noite se eu preferir."



3. Considerações Finais

O presente estudo consistiu em uma problematização do relatório da OIT (Berg, 2018) sobre o futuro do trabalho digital. Buscou-se explorar as diferenças existentes entre as condições dos trabalhadores do norte e do sul global, elemento que não foi objeto de ampla análise naquele relatório. Essa distinção possibilitou ampliar o entendimento de como esses indivíduos são desigualmente afetados do ponto de vista da motivação, remuneração, disponibilidade de tarefas, jornada de trabalho e diversos outros aspectos que impactam na sua rotina de trabalho e qualidade de vida. A desigualdade é percebida também, e de uma forma bastante acentuada, quando se coloca o fator gênero como elemento central. A ausência da clivagem racial é ainda outro aspecto não abordado naquele relatório e que acreditamos possuir importante significado para o estudo do tema.

O escopo deste trabalho centrou-se, portanto, em um panorama mais global das desigualdades e na busca de um entendimento menos homogeneizador da precarização do trabalho no contexto de *crowdwork*. Acreditamos que esta análise é apenas o ponto de partida para outros estudos mais aprofundados a respeito da desigualdade das condições de trabalho e que deverão ser exploradas em pesquisas posteriores.



Anexo I

Tabela 1 - Divisão dos países por faixa de renda

Faixa de Renda	Renda Bruta Per capita U\$
Renda baixa	<= 995
Renda média-baixa	996-3,895
Renda média-alta	3,896-12,055
Renda alta	> 12,055

Fonte: Banco mundial

Tabela 1.2 - Países por grupo de renda

País	Grupo de Renda
Australia	Renda Alta OCDE
Austria	
Belgium	
Canada	
Czech Republic	
Estonia	
Finland	
France	
Germany	
Greece	
Hungary	
Ireland	
Israel	
Italy	
Japan	
Netherlands	
New Zealand	
Poland	
Portugal	
Slovakia	
Slovenia	
Spain	
Sweden	
Switzerland	
United Kingdom	
United States of America	
Brunei	Renda Alta - não OCDE
Croatia	
Qatar	
Saudi Arabia	



Algeria Renda média-alta

Argentina

Bosnia and

Herzegovina

Brazil

Bulgaria

Chile

China

Colombia

Dominican Republic

Ecuador

Jamaica

Latvia

Lithuania

Macedonia

Malaysia

Mexico

Peru

Republic of Serbia

Romania

Russia

South Africa

Tunisia

Turkey

Uruguay

Venezuela

Albania Renda Média-baixa

Armenia

Bolivia

Egypt

Georgia

Ghana

India

Indonesia

Moldova

Morocco

Nigeria

Pakistan

Philippines

Sri Lanka

Ukraine

Vietnam

Bangladesh Renda Baixa



Universidade de Brasília

Departamento de Sociologia

Kenya

Kyrgyzstan

Nepal

Fonte: Banco mundial



Referências

ABILIO, L. Uberização: a era do trabalhador just-in-time?1. *Estud. av.*, São Paulo, v. 34, n. 98, p. 111-126, Apr. 2020;

CASILLI, A.. Is There a Global Digital Labor Culture?: Marginalization of Work, Global Inequalities, and Coloniality. 2nd symposium of the Project for Advanced Research in Global Communication (PARGC), Filadelfia, Estados Unidos, Apr 2016;

BALARAM, B.; WARDEN, J.; WALLACE-STEPHENS, F. *Good Gigs: A fairer future for the UK's gig economy*. London: RSA, 2017;

BERG, FURRER, HARMON, RANI, SILBERMAN. *Digital Labour Platforms and the Future of Work*, Geneva: ILO, 2018;

BERG, J. Income security in the on-demand economy: findings and policy lessons from a survey of crowdworkers; International Labour Office, Inclusive Labour Markets, Labour Relations and Working Conditions Branch. - Geneva: ILO, 2016

DAI ROSSO, S. “Duração Do Trabalho Em Todo O mundo.: Tendências De Jornadas De Trabalho, legislação E políticas Numa Perspectiva Global Comparada”. *Sociedade E Estado*, vol. 27, nº 1, janeiro de 2012, p. 183-91;

DE STEFANO, V. “The Rise of the ‘Just-in-Time Workforce’: On-Demand Work, Crowd Work and Labour Protection in the ‘Gig-Economy’”. *Conditions of Work and Employment Series, paper 71*”, International Labour Office Report, Geneva-Italia. 2016;

FUCHS C. Capitalism, Patriarchy, Slavery, and Racism in the Age of Digital Capitalism and Digital Labour. *Critical Sociology*. 2018, pp. 677-702;

HUWS, U. *A formação do cibertariado. Trabalho virtual em um mundo real*. Campinas: Edunicamp, 2017;

ITU. *Measuring the Information Society Report 2017*. Geneva: ITU, 2017;

LÖWY, M. A teoria do desenvolvimento desigual e combinado. *Revista* outubro, 1995, pp. 70-80;

SAFFIOTI, H.; BONGIOVANI, I. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. Vol. 4. Vozes, 1976;

ZAHN, R. Trade Unions, the Gig Economy, and the Feminisation of Work: Lessons from the Past?. In A. Blackham, M. Kullmann & A. Zbyszewska (Eds.). *Theorising Labour Law in a Changing World: Towards Inclusive Labour Law*, 2019, pp. 107–124.